



**Título:** (RE) MEMORANDO MEMÓRIAS

**Autoras:** Fabrine Latrônico Torres e Lúcia Telexa

**Orientadora:** Maria Izabel de Bortoli Hentz

**Escola:** C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade

**Professor da turma:** Euzébio Pies

**Ano:** 7º EJA (2011)

**Contextualização do projeto:** O gênero memórias literárias foi escolhido pelas estagiárias pela oportunidade de criar, a partir dele, um trabalho contextualmente significativo com a leitura, a escrita, a oralidade e a análise linguística, além de possibilitar o trabalho com os temas memória e identidade. As memórias literárias foram trabalhadas a partir do diálogo com outros gêneros como o diário e a carta. Foram desenvolvidas atividades com as quatro práticas de uso da língua em torno do gênero estudado que culminaram, como produção final do processo de ensino e aprendizagem, na criação de um *blog* da turma onde as memórias literárias autorais dos alunos foram socializadas.

**Cronograma:** Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Tema
1	1	Conhecendo o gênero memórias literárias

2	2	Relatando histórias e experiências vividas
3	2	Socialização dos relatos de histórias e experiências vividas
4	2	Diário, Relato Histórico e Memórias Literárias
5	1	Aprofundando a leitura e o estudo do gênero Memórias Literárias
6	2	Aprofundando a leitura e o estudo do gênero Memórias Literárias
7	2	Produzindo a primeira versão do texto
8	2	Produzindo a segunda versão do texto
9	2	Organização do blog
10	2	Organização do blog

**Gênero textual/discursivo de referência:** memórias literárias

**Eixo organizador do ensino:** escrita e reescrita de memórias literárias; o trabalho com a leitura através de materiais selecionados em diversos gêneros; o exercício da oralidade a partir dos textos lidos pelos estudantes e da socialização de relatos coletados; e o trabalho com a análise linguística por meio dos textos escritos pelos estudantes.

**Objetivos:** Ampliar as capacidades discursivas por meio de atividades de expressão oral, leitura de textos e escrita de um texto de memórias literárias, que será divulgado em um *blog* da turma, possibilitando a compreensão da função social, da esfera de circulação e da forma de composição desse gênero do discurso.

*Com relação à leitura:* Ler e interpretar textos de memórias literárias, considerando a função social, as condições de produção, esfera de circulação e forma de composição desse gênero.

*No que se refere ao ensino da escrita:* Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para registrar a fala do outro, assim como as próprias vivências.

*Quanto à análise linguística:* Reconhecer o papel da descrição em textos de Memórias Literárias, identificar as diferentes vozes presentes em texto lidos e empregar adequadamente os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas na produção escrita de um texto desse gênero.

*No que tange à oralidade:* Fazer uso da língua na modalidade oral em situações menos formais, pelo relato de histórias e experiências vividas.

**Metodologia:** Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

### **Aula 1 (1h/a)**

Iniciar a aula com a apresentação do projeto “(Re) memorando memórias”. Logo em seguida, projetar algumas imagens antigas da região<sup>1</sup> e pedir que os alunos socializem as impressões e sentimentos causados pelas imagens.

Ler em voz alta o texto de memória literária “Transplante de menina” de Tatiana Belinky<sup>2</sup> a fim de que os alunos possam ouvir.

Após a escuta do texto, provocar um diálogo, acerca do que ouviram.

- ✓ Como vocês se sentiram ao ouvir essa história?
- ✓ Vocês já tinham ouvido histórias que relatam/retratam lembranças semelhantes?
- ✓ Elas se parecem com alguma situação que vocês já vivenciaram?
- ✓ Há acontecimentos marcantes na vida de vocês que mereçam ficar registrados para sempre na memória?

Conversar com os alunos sobre os sentidos das palavras “memória” e “memórias” e registrar no quadro de giz as percepções dos alunos.

Solicitar aos alunos que procurem o significado da palavra memória no dicionário e estabelecer a relação entre o sentido que a palavra memória possui para os alunos e o significado dessa palavra no dicionário. Escrever os respectivos significados no quadro e pedir que os alunos registrem em seus cadernos o conteúdo da aula.

---

<sup>1</sup> Como o projeto foi implementado em uma escola da grande Florianópolis, as estagiárias escolheram fotos disponíveis em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Albuns.html>. Acesso em 20.10.2021

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/403/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-transplante-de-menina>. Acesso em 05.10.2021.

Solicitar aos alunos que tragam, para a próxima aula, fotos antigas ou objetos que lembrem acontecimentos vivenciados por eles, ou pelos pais, avós ou por alguém que conheçam.

## **Aula 2 (2h/a)**

Iniciar a aula com uma retomada da aula anterior, conversando com os alunos sobre os sentidos das palavras “memória” e “memórias” e registrando no quadro as percepções dos alunos.

Solicitar que alguns alunos procurem o significado da palavra “memória” no dicionário e entregar um esquema com os significados das palavras “memória” e “memórias”.

Entregar cópias do texto “Medo da Eternidade” de Clarice Lispector<sup>3</sup>, falar um pouco sobre a autora e solicitar a leitura silenciosa. Depois, solicitar que um aluno faça a leitura em voz alta. Questionar os alunos sobre o que lhes chamou atenção no texto, se este suscitou algumas lembranças.

Organizar os alunos em duplas para que relatem uns aos outros, histórias, memórias e lembranças que o texto lido, as fotos, as imagens e os objetos trazidos evocam. Pedir que registrem as lembranças do colega em um caderno.

Organizar um painel com as fotos e imagens trazidas pelos alunos. Se houver algum objeto, providenciar um lugar para a exposição.

## **Aula 3 (2h/a)**

Organizar a turma em círculo para ouvir as memórias relatadas nas duplas na aula anterior. Resumidamente, colocar as lembranças de cada aluno no quadro, formando um grande quadro com as memórias de cada aluno.

Apresentar aos alunos o gênero diário. Distribuir cópias de alguns trechos do livro “O diário de Anne Frank” (anexo 1), solicitar aos alunos que leiam em silêncio e, na sequência, que um dos alunos leia em voz alta para toda a turma. Discutir as particularidades das passagens do livro lidas com os alunos.

Apresentar a autora do livro para os alunos de forma expositiva. Distribuir cópias com a biografia de Anne Frank e comentar sucintamente.

Para encerrar, escrever no quadro a síntese do que seja o gênero diário.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5889/medo-da-eternidade>. Acesso em 05.10.2021.

*“O diário costuma ser elaborado como um registro íntimo; em sua origem, não se dirige a outra pessoa, o seu destinatário primeiro é o próprio autor. Nele, são registradas as experiências vividas no presente. Quando os diários são publicados, tempos depois de terem sido escritos, geralmente passam por uma transformação”.*

#### **Aula 4 (2h/a)**

Iniciar a aula retomando a definição de diário apresentada na aula anterior.

Em seguida, apresentar o Relato Histórico: como exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha, que foi a primeira literatura de informação. Distribuir cópias da biografia do autor da carta e fazer um breve comentário sobre ele.

Distribuir cópias de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha (anexo 2). Fazer a leitura do trecho, em voz alta, observando e chamando a atenção para a escrita do texto. Discutir com os alunos sobre as suas percepções acerca do relato lido.

Escrever no quadro a síntese do que seja um relato histórico.

*“Relato histórico pode ser definido como uma narrativa que estabelece relações entre sujeitos, fatos e tempos históricos. O autor de um relato histórico não se atém à narrativa de uma história. Quando o autor é um historiador, ele busca fontes, reúne e analisa documentos, utiliza critérios para verificar a veracidade do que relata. Normalmente, relatos históricos não trazem a história do autor”.*

Promover uma discussão sobre o gênero relato histórico (função social, espaço de circulação, forma de composição) em comparação com os gêneros Diário e Memórias Literárias.

Distribuir cópias do texto “Por parte de pai” de Bartolomeu Campos de Queirós (anexo 3) e fazer um breve comentário sobre o autor.

Entregar cópias da autobiografia do autor (anexo 4). Explicar a diferença entre biografia e autobiografia. Perguntar: se biografia é a história da vida de alguém (já que *bio* é vida e *grafia* é texto, escrita), o que você imagina ser autobiografia? Depois das manifestações dos alunos, explicar que o prefixo *auto* quer dizer "a si mesmo", logo o termo se refere à história da própria vida.

Fazer uma leitura silenciosa e depois ler o texto em voz alta. Fazer comentário sucinto sobre Bartolomeu Campos de Queirós.

Provocar uma discussão sobre a interpretação e os sentidos do texto. Questionar os alunos sobre o que lhes chamou mais atenção, fazê-los refletir sobre o texto. Provocar os alunos com o seguinte questionamento: Alguém já registrou suas memórias?

Escrever no quadro a síntese do gênero Memórias Literárias.

*“Memórias Literárias, geralmente são narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente”.*

Solicitar aos alunos que produzam um resumo no qual sintetizem as principais características de cada texto lido, diário, relato histórico e memórias literárias, destacando a intenção do autor, a quem o texto se destina, tema e recursos utilizados.

### **Aula 5 (1h/a)**

No início da aula, retomar o assunto da última aula e explicar aos alunos que irão começar a pensar em como irão produzir o seu primeiro texto de memórias literárias.

Dividir os alunos em grupos e distribuir aos grupos vários trechos do texto, “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé” da aluna Kelli Carolina Bassani<sup>4</sup>, já recortados. Explicar aos alunos que se trata de um texto de memórias literárias completo, escrito pela aluna Kelli, finalista da 3ª edição do Prêmio Escrevendo o Futuro, em 2006.

Pedir aos alunos que leiam os trechos e procurem organizar o texto, identificando, o início, o meio e o fim, transformando-o em uma unidade de sentido. Depois que os grupos organizarem seus textos, solicitar que um aluno de cada grupo faça a leitura em voz alta da sua montagem do texto.

Distribuir cópias completas dos textos e colocar o CD do texto para escutar a versão original do texto junto com os alunos e comparar a forma como o texto foi organizado por Kelli com o modo como cada grupo o ordenou.

### **Aula 6 (2h/a)**

Iniciar a aula retomando o texto “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé”. Solicitar aos alunos que localizem no texto o trecho que situa o leitor no tempo e no espaço a que se referem as lembranças. Anotar no quadro as conclusões.

Entregar aos alunos um esquema que contenha as principais características do gênero do discurso memórias literárias e uma lista com as principais figuras de linguagem (anexo 5). Discutir com os alunos o esquema e explicar as particularidades do gênero.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/396/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-o-valetao-que-engolia-meninos-e-outras-historias-de-paje>. Acesso em 05.10.2021.

Entregar aos alunos cópias do texto “O Inferno” de Graciliano Ramos<sup>5</sup>. Solicitar aos alunos que façam uma leitura silenciosa e depois fazer a leitura em voz alta para que os alunos ouçam. Discutir com o texto com a turma, fazendo com que eles apontem as marcas, as particularidades deste texto.

Dividir a turma em grupos e solicitar aos grupos que, com a utilização do esquema, discutam entre si as características do gênero memórias literárias encontradas no texto. Pedir que um aluno de cada grupo compartilhe suas conclusões com todos os alunos da turma. Fazer comentários a respeito das conclusões dos alunos. Se necessário, fazer ressalvas aos comentários dos alunos e apontar no texto as características do gênero memórias literárias.

Solicitar aos alunos que tragam o esquema com as características do gênero memórias literárias para a próxima aula.

### **Aula 7 (2h/a)**

Dar continuidade à aula anterior retomando a leitura do texto “O inferno” de Graciliano Ramos. Indagar os alunos a respeito do texto, fazendo-lhes questionamentos, suscitando-lhes curiosidade e interesse. Retomar o esquema a respeito das características de um texto de memórias literárias.

Fazer a leitura em voz alta do texto “Achadouros” de Manoel de Barros (anexo 7). Discutir, com os alunos, as particularidades do texto e falar sobre o autor.

*Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá (MT) no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, em 19 de dezembro de 1916, filho de João Wenceslau Barros, capataz com influência naquela região. Mudou-se para Corumbá (MS), onde se fixou de tal forma que chegou a ser considerado corumbaense. Atualmente mora em Campo Grande (MS). É advogado, fazendeiro e poeta.*

Fazer mais algumas observações sobre o texto de memórias literárias. Retomar o esquema com as características do gênero a fim de que os alunos tenham subsídios para iniciar a primeira versão de sua memória literária.

Dar tempo para que os alunos produzam suas memórias literárias.

### **Aula 8 (2h/a)**

Iniciar a aula retomando o texto de Manoel de Barros e dando tempo para que os alunos respondam o exercício anexo ao texto (anexo 7).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://literaturapolitica.wordpress.com/2007/11/14/o-inferno-por-graciliano-ramos/>. Acesso em 05.10.2021.

Depois, com base nas observações feitas na primeira versão dos textos dos alunos, proceder à análise e reflexão sobre os problemas mais comuns apresentados pelos alunos na produção do texto de Memórias Literárias da aula anterior.

Sistematizar, no quadro, fenômenos da língua, tais quais, utilização de pronomes, marcação dos tempos verbais, concordância verbal e nominal, tendo em vista os problemas apresentados pelos alunos nos textos produzidos.

Solicitar aos alunos que fizeram a 1ª versão do texto de memórias literárias, que verifiquem nos seus textos as características de um texto de memórias literárias, fazendo um esquema e entreguem a atividade ao final da aula.

### **Aula 9 (2h/a)**

Iniciar a aula retomando a análise linguística sobre os problemas mais comuns apresentados pelos alunos na produção do texto de Memórias Literárias. Sistematizar, no quadro, alguns fenômenos da língua que se fizerem necessários, dessa vez dando ênfase na descrição de local, personagens etc<sup>6</sup>.

Destinar o restante da aula à reescrita da 1ª versão do texto de memórias literárias.

### **Aula 10 (2h/a)**

Iniciar a aula falando sobre a importância da tecnologia nos dias de hoje, e sobre como um texto pode ser socializado através da internet. Criar coletivamente o *blog* da turma e, posteriormente, dar tempo para que cada aluno digite o seu texto.

## **Anexos**

### **Anexo 1 - Trechos do “Diário de Anne Frank”**

#### **O diário de Anne Frank**

#### **Segunda-feira, 15 de Junho de 1942**

Sábado à tarde foi à festa dos meus anos. Passamos um filme – (O guarda do farol – com Rin- tin- tin), que agradou muito às minhas amigas. Fartamo-nos de fazer tolices e

---

<sup>6</sup> Para esse momento da aula, as estagiárias entregaram aos alunos um resumo com informações retiradas dos materiais orientadores da Olimpíada de Língua Portuguesa. ANDRADE, Clara Regina. ALTENFELDER, Anna Helena, ALMEIDA, Neide. **1. Memórias (Gênero Literário) 2. Olimpíada de Língua Portuguesa 3. Textos I.** São Paulo: Cenpec 2010. (Coleção da Olimpíada).

estivemos divertidíssimas. Vieram muitos rapazes e raparigas. A mãe teima em querer saber com quem eu mais tarde gostaria de casar. Julgo que ela ficaria espantada se soubesse que gosto do Peter Wessel, pois eu faço-me sempre desentendida quando se fala nele. Com a Lies Goosens e a Sanne Houtman convivo há anos e até agora tinham sido as minhas melhores amigas. Ultimamente conheci Jopie van der Waal no Liceu judaico. Estamos muitas vezes juntas, e hoje é ela a minha melhor amiga. A Lies anda agora mais vezes com uma outra amiga, e a Sanne frequenta outra escola onde arranjou uma amiga.

### **Sábado, 20 de Junho de 1942**

Durante uns dias não escrevi nada porque, primeiro quis pensar seriamente na finalidade e no sentido de um diário. Experimento uma sensação singular ao escrever meu diário. Não é só por nunca ter – escrito-, suponho que, mais tarde, nem eu nem ninguém achará interesse nos desabafos de uma rapariga de treze anos. Mas, na realidade tudo isso não importa. Apetece-me escrever e quero aliviar o meu coração de todos os pesos. – O papel é mais paciente do que os homens-. Era nisso que eu pensava muitas vezes quando, nos meus dias melancólicos, punha a entre as mãos e sem saber o que havia de fazer comigo. Ora queria ficar em casa, ora queria sair e, a maior parte das vezes, ficava-me a cismar sem sair do sítio. Sim, o papel é paciente! E não tenciono mostrar este caderno com o nome pomposo de – Diário – seja a quem for, a não ser que venha a encontrar na minha vida o tal – grande amigo – ou a tal – grande amiga -. De resto, a mais ninguém poderá interessar o que vou escrever. E pronto!, cheguei ao ponto principal de todas estas considerações: não tenho uma verdadeira amiga!, vou-me explicar melhor, pois ninguém pode compreender que uma rapariga de treze anos se sinta só. É, de facto, coisa estranha. Tenho pais simpáticos e bons, tenho uma irmã de dezasseis anos, ao todo, por aí uns trinta conhecidos ou o que se chama geralmente – amigos – Tenho uma comitiva de admiradores que me fazem todas as vontades. Mesmo na aula tentam ver-me o rosto com um, não espelinho de bolso e só se dão por satisfeitos quando lhes sorrio. Tenho parentes, tias e tios, muito simpáticos, uma casa bonita, e, pensando bem, não me falta nada, senão uma amiga! Com todos os meus numerosos conhecidos, só consigo fazer tolices ou falar sobre coisas banais. Não me é possível abrir-me, sinto-me como que “abotoada”. Pode ser que esta falta de confiança seja defeito meu. Mas não há nada a fazer e tenho pena de não poder modificar as coisas.

Por tudo isto é que escrevo um diário. E para evocar na minha fantasia a ideia da amiga há tanto tempo desejada, não quero, como qualquer pessoa, assentar só factos. Este

diário é que há de ser a minha amiga, e vou-lhe pôr um nome. Essa amiga chamasse Kitty. Seria incompreensível a minha conversa com a Kitty se eu não contasse primeiro a história da minha vida, embora sem grande vontade. Quando meus pais casaram tinha o meu pai trinta e seis anos e a minha mãe vinte e cinco. Minha irmã Margot nasceu em 1926 em Frankfort sobre o Reno; em 12 de Junho de 1929 vim eu.

Como todos os judeus, emigramos, em 1933, para a Holanda, onde meu pai se tornou director da Travis A -G. Esta firma trabalha em estreita ligação com a Kolen 82 Go., no mesmo edifício. A nossa vida decorria com as aflições do costume, pois as pessoas de família que ficaram na Alemanha não escaparam às perseguições de Hitler. Depois dos “progroms” de 1938 os dois irmãos de minha mãe fugiram para a América. Minha avó veio viver connosco. Tinha nessa altura setenta e três anos. A partir de 1940 foram-se os bons tempos. Primeiro veio a guerra, depois capitulação, em seguida a entrada dos alemães. E então começou a miséria. A uma lei ditatorial seguia-se outra; e, em especial para os judeus, as coisas começaram a ficar feias. Obrigaram-nos a usar a estrela e a entregar as bicicletas, não nos deixavam andar nos carros eléctricos e muito menos de automóvel. Os judeus só podiam fazer as compras das 3 às 5 horas e só em lojas judaicas. Não podiam sair à rua depois das oito da noite e nem sequer ficar no quintal ou na varanda. Não podiam ir ao teatro nem ao cinema, nem freqüentar qualquer lugar de divertimentos. Também não podiam nadar nem jogar ténis ou hóquei, nem praticar qualquer outro desporto. Os judeus não podiam visitar os cristãos. As crianças judaicas eram obrigadas a freqüentar escolas judaicas. Cada vez saiam mais decretos... Toda a nossa vida estava sujeita a enorme pressão. Jopie dizia a cada passo: “Já nem tenho coragem para fazer seja o que for porque tenho sempre a de fazer qualquer coisa que seja proibida”. Em janeiro deste ano morreu a avózinha. Ninguém imagina quanto eu gostava dela e que falta me tem feito. Em 1939, mandaram-me para o jardim-escola – Montessori-. Depois estudei ainda as primeiras classes primárias naquela escola. No último ano, a directora, a sra. K., era chefe da minha turma. No fim do ano despedimo-nos comovidas, e ambas choramos muito. Depois o ano passado a Margot e eu freqüentamos o Liceu judaico; ela está no quarto ano e eu no primeiro. Nós, os quatro da família, ainda não temos muito de que nos queixar. Estamos bem. E assim cheguei ao presente, à data de hoje.

***Fragments do Diário de Anne Frank.***

## **Anexo 2 - Trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha**

### **Carta de Pero Vaz de Caminha**

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, sei ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre Canárias, mais perto da Grã-Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, havemos vista das ilhas do Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escobar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam Botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos.

Neste dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém, o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez pôr pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro – o que d’Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha

### **Anexo 3 - “Por parte de pai” de Bartolomeu Campos de Queirós**

#### **Por parte de pai**

Bartolomeu Campos de Queirós

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela soprava um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas dependuradas em cabides na parede se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha me arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a pêra de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia as coisas em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante, a capa “Ideal” cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço...

Bartolomeu Campos de Queiroz, *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ.

## **Anexo 4 - Autobiografia de Bartolomeu Campos de Queirós**

### **... das saudades que não tenho**

Nasci com 57 anos. Meu pai me legou seus 34, vividos com duvidosos amores, desejos escondidos. Minha mãe me destinou seus 23, marcados com traições e perdas. Assim, somados, o que herdei foi a capacidade de associar amor ao sofrimento... Morava numa cidade pequena do interior de Minas, enfeitada de rezas, procissões, novenas e pecados. Cidade com sabor de laranja de serra-d'água, onde minha solidão já pressentida era tomada pelo vigário, professora, padrinho, beata, como exemplo de perfeição. (...) Meu pai não passeou comigo montado em seus ombros, nem minha mãe cantou cantigas de ninar para me trazer o sono. Mesmo nascendo com 57 anos estava aos 60 obrigado ainda a ser criança. E ser menino era honrar pai com seus amores ocultos. Gostar da mãe e seus suspiros de desventuras. (...) Tive uma educação primorosa. Minha primeira cartilha foi o olhar do meu pai, que me autorizava a comer ou não mais um doce nas festas de aniversário. Comer com a boca fechada é claro, para ficar mais bonito e meu pai receber elogios pelo filho nunca tinha aberto as asas sobre nós. Mas a originalidade de minha mãe ninguém poderá desconhecer. Ela era capaz de dizer coisas que nenhuma mãe do mundo dizia, como por exemplo: — Você, quando crescer vai ter um filho igual a você. Deus há de me atender, para você passar pelo que eu estou passando. — Mãe é uma só. (...)

*(Bartolomeu Campos de Queiroz, em Abramovic, Fanny (org) — “O mito da infância feliz”. Summus, São Paulo, 1983).*

## **Anexo 5 - Material sobre o gênero memórias literárias**

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS:** geralmente são narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente. Estes textos, comumente, são escritos por um autor como narrador-personagem, que narra suas próprias histórias. Mas um texto de memórias literárias também pode ser uma narração não do autor que escreve, mas sim de outra pessoa que compartilhou sua história e assim o autor transpõe para o papel a história. Geralmente no início de um texto de memórias

literárias, o autor costuma situar o leitor no tempo e no espaço, e fazendo com que o leitor conheça o tempo e o espaço no qual se passam as lembranças. Ao longo do texto o autor expõe ao leitor o acontecido, relata suas lembranças e o motivo, digamos assim, que o levam a considerar estas lembranças importantes. Ao final do texto, habitualmente, o autor relembra um fato vivido em um momento passado ou se desloca para o momento presente, e faz o desfecho do texto.

Em um texto de memórias literárias temos um narrador em primeira pessoa, conhecido como **narrador-personagem ou narrador-testemunha**. Nos textos que trabalhamos até agora temos um narrador-personagem, este se manifesta no texto como o eu e conta a história dele, considerando o ponto de vista dele sobre aquilo que ele viveu.

**A Descrição** é outro ponto importante em um texto de memória literária, pois é a partir de uma descrição bem feita da cena, que nós leitores podemos imaginar como a cena ocorre, e nos situamos no local das cenas, podemos imaginar a época, o lugar, as pessoas e os próprios fatos. Existem diferentes tipos de descrição, que variam de acordo com o objetivo e estilo do autor, e elas podem ser utilizadas em diferentes momentos do texto. Para fazermos um descrição bem feita sempre precisamos ter em mente o que o leitor precisa saber dos fatos, dos lugares, das personagens, para que ele imagine com clareza o que, você, autor, quer lhe passar.

**Comparações** dos tempos antigos com o atual, isto ocorre em muitos textos de memórias literárias, em que o autor faz diversas comparação do tempo em que ocorrem suas lembranças e o tempo de hoje.

Ao escrever um texto de memórias literárias, comumente, os autores analisam muito bem a **linguagem** que irão utilizar, para isso eles fazem uso de diversos recursos para tornar o texto mais atrativo e real.

São alguns recursos:

**Figuras de linguagem**, que são maneiras de dizer algo de formas diferentes, mas que possuem o mesmo significado. Ex: Ele morreu. Ele partiu deste mundo para um lugar melhor. Esta figura de linguagem chama-se eufemismo.

**Tempo verbal:** geralmente utilizam:

**Pretérito perfeito:** que indica ação terminada, concluída completamente, ex: Cheguei, passei, fiz. (indicativo)

**Pretérito imperfeito:** um acontecimento que se prolongou ao longo do tempo com início e fim no passado, mas ele não determina quando acabou, o imperfeito é só descrição. Ex: Eu cantava durante todo o dia. (indicativo)

**Pontuação** é extremamente importante. (verificar os textos dados até esta aula)

**Os pronomes** aparecem muito em primeira pessoa (do singular ou do plural).

## **Anexo 6 - Material sobre figuras de linguagem**

### **FIGURAS DE LINGUAGEM**

**METÁFORA:** É o emprego de uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação de semelhanças entre ambas. É uma comparação subentendida. Exemplo: Minha boca é um tumulto/ Essa rua é um verdadeiro deserto.

**COMPARAÇÃO:** Consiste em atribuir características de um ser a outro, em virtude de uma determinada semelhança. Exemplo: O meu coração está igual a um céu cinzento/ O carro dele é rápido como um avião.

**PROSOPOPÉIA:** É uma figura de linguagem que atribui características humanas a seres inanimados. Também podemos chamá-la de PERSONIFICAÇÃO. Exemplo: O céu está mostrando sua face mais bela/O cão mostrou grande siseudez.

**SINESTESIA:** Consiste na fusão de impressões sensoriais diferentes. Exemplo: Raquel tem um olhar frio, desesperador/Aquela criança tem um olhar tão doce.

**CATACRESE:** É uma metáfora desgastada, tão usual que já não percebemos. Assim, a catacrese é o emprego de uma palavra no sentido figurado por falta de um termo próprio.Exemplo: O menino quebrou o braço da cadeira/A manga da camisa rasgou.

**METONÍMIA:** É a substituição de uma palavra por outra, quando existe uma relação lógica, uma proximidade de sentidos que permite essa troca. Ocorre metonímia quando empregamos:

**O autor pela obra.** Exemplo: Li Jô Soares dezenas de vezes. (a obra de Jô Soares)

**O continente pelo conteúdo.** Exemplo: O ginásio aplaudiu a seleção. (ginásio está substituindo os torcedores)

**A parte pelo todo:** Exemplo: Vários brasileiros vivem sem teto, ao relento. (teto substitui casa)

**O efeito pela causa:** Exemplo: Suou muito para conseguir a casa própria. (suor substitui o trabalho)

**PERÍFRASE:** É a designação de um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou. Exemplo: A Veneza Brasileira também é palco de grandes espetáculos. (Veneza Brasileira = Recife)/A Cidade Maravilhosa está tomada pela violência. (Cidade Maravilhosa = Rio de Janeiro).

**ANTÍTESE:** Consiste no uso de palavras de sentidos opostos. Exemplo: Nada com Deus é tudo/Tudo sem Deus é nada.

**EUFEMISMO:** Consiste em suavizar palavras ou expressões que são desagradáveis. Exemplo: Ele foi repousar no céu, junto ao Pai. (repousar no céu = morrer). Os homens públicos envergonham o povo. (homens públicos = políticos)

**HIPÉRBOLE:** É um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a idéia. Exemplo: Ela chorou rios de lágrimas/Muitas pessoas morriam de medo da perna cabeluda.

**IRONIA:** Consiste na inversão dos sentidos, ou seja, afirmamos o contrário do que pensamos. Exemplo: Que alunos inteligentes, não sabem nem somar/Se você gritar mais alto, eu agradeço.

**ONOMATOPÉIA:** Consiste na reprodução ou imitação do som ou voz natural dos seres. Exemplo: Com o au-au dos cachorros, os gatos desapareceram/Miau-miau. – Eram os gatos miando no telhado a noite toda.

**ALITERAÇÃO:** Consiste na repetição de um determinado som consonantal no início ou interior das palavras. Exemplo: O rato roeu a roupa do rei de Roma.

**ELIPSE:** Consiste na omissão de um termo que fica subentendido no contexto, identificado facilmente. Exemplo: Após a queda, nenhuma fratura.

**ZEUGMA:** Consiste na omissão de um termo já empregado anteriormente. Exemplo: Ele come carne, eu verduras.

**PLEONASMO:** Consiste na intensificação de um termo através da sua repetição, reforçando seu significado. Exemplo: Nós cantamos um canto glorioso.

**POLISSÍNDETO:** É a repetição da conjunção entre as orações de um período ou entre os termos da oração. Exemplo: Chegamos de viagem e tomamos banho e saímos para dançar.

**ASSÍNDETO:** Ocorre quando há a ausência da conjunção entre duas orações. Exemplo: Chegamos de viagem, tomamos banho, depois saímos para dançar.

**ANACOLUTO:** Consiste numa mudança repentina da construção sintática da frase. Exemplo: Ele, nada podia assustá-lo.

Nota: o anacoluto ocorre com frequência na linguagem falada, quando o falante interrompe a frase, abandonando o que havia dito para reconstruí-la novamente.

**ANÁFORA:** Consiste na repetição de uma palavra ou expressão para reforçar o sentido, contribuindo para uma maior expressividade. Exemplo: Cada alma é um rio correndo por margens de Externo./ Cada alma é uma escada para Deus/ Cada alma é um corredor-Universo para Deus/ Para Deus e em Deus com um sussurro noturno. (Fernando Pessoa).

## **Anexo 7 - “Achadouros” de Manoel de Barros**

### **ACHADOUROS**

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela

intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.”

BARROS, Manoel de. Achadouros. In: BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

Questões acerca do texto **ACHADOUROS**, de Manoel de Barros.

1. De que se trata o texto *Achadouros*?
2. Por que o texto recebe o título *Achadouros*? Destaque trechos do texto que têm relação com essa temática.
3. Que vozes aparecem no texto *Achadouros*? Você consegue demarcar onde elas aparecem? (pense no narrador)
4. A quem o autor se refere quando utiliza na frase o pronome possessivo **nosso** “Mas o que eu queria dizer sobre o **nosso** quintal é outra coisa”.
5. O texto lido – *Achadouros* – é um texto de Memórias Literárias. Você poderia indicar essas particularidades e, se for o caso, identificar suas marcas nos textos?
6. Como sabemos que o texto se refere a outra época e qual é o local em que os fatos narrados no texto se passaram?
7. Explique a frase “Sou hoje um caçador de achadouros de infância”. (analise-a no contexto do texto).

**8.** Quais os sentidos dados à palavra quintal no texto?

**9.** Você conhecia a palavra achadouros?